

Transexualidade e a busca de uma subjetividade plural na pós-modernidade

Sâmya Santana Santos

Rhuan Cambuí Machado

Mestrado em Direitos Humanos da Universidade Tiradentes

samyasantos@gmail.com

rhuan.m@hotmail.com

Resumo: Este artigo possui como temática a transexualidade e uma busca pela subjetividade plural fincada na pós-modernidade, a qual se mostra como um terreno fértil para o descobrimento do sujeito e suas diversas faces, não sendo necessário a imposição de padrões de gênero a serem seguidos fielmente como pretendia a modernidade. Como há a abordagem da subjetividade plúrima e descobrimento do sujeito durante o texto, o presente trabalho fora confeccionado como um roteiro de viagem, em que o leitor poderá explorar e navegar pelas águas da modernidade até percorrer as terras da transexualidade conforma o avanço na leitura. O objetivo do estudo é o de constatar a possibilidade do sujeito experienciar o seu verdadeiro eu na pós-modernidade, através das tecnologias de si, olvidando-se de padrões de gênero já naufragados e que são impostos pela sociedade moderna de faces semelhantes. Dessa forma, a metodologia adotada na pesquisa é voltada para a análise bibliográfica, contando com referenciais teóricos que enunciam os temas tratados.

Palavras-chave: Pós-modernidade; Gênero; Transexualidade.

1 Ponto de partida: o roteiro da viagem

O presente trabalho possui como título “Transexualidade e a busca de uma subjetividade plural na pós-modernidade”, e propõe analisar a construção do sujeito e, logo, a subjetividade vista em conformidade com a pós-modernidade. Torna-se necessário antecipar uma parte da viagem e anunciar que na pós-modernidade inexistente a instituição de um sujeito universal, ou seja, inexistente uma compulsão que dite um padrão a ser seguido, ao contrário, há uma preocupação para a construção de sujeitos únicos, plurais. Dessa forma, é perceptível que o padrão de gênero feminino e masculino propagado e imposto na modernidade não é mais aceito, restando livre o sujeito para se identificar e reconhecer como o gênero que bem entender.

Para melhor aproveitar a vista durante a jornada, mostra-se imprescindível navegar pela modernidade em um primeiro momento, explorando a relação que a mesma faz com a

subjetividade, e dessa última com a pós-modernidade, sendo este o destino final.

As proposições feitas por Michel Foucault, elencadas por Rebouças (2012), ao criticar o sujeito moderno racional e superior, foram essenciais para compreender a presente temática, envolvendo as questões acerca da modernidade como também da subjetividade. Foucault além de criticar a modernidade, traz em suas obras prontamente nas figuras do louco, criminoso e pervertido, o avesso do sujeito racional exhaustivamente propagado pela modernidade. E, neste sentido, justifica-se a escolha do presente autor no auxílio para a elaboração do atual roteiro de viagem.

Mostra-se necessário tratar do referido tema, posto que ainda existem moldes de gênero a serem seguidos pelos sujeitos, incluindo comportamentos, modos de agir e vestir, cargos a ocupar e dentre outros modelos que são copiados, os quais evidenciam o quão imersa a sociedade se encontra em um mar de subjetividade singular. E, neste sentido, é fundamental dar uma visibilidade maior para as diferentes formas de subjetividades, as plurais, nômades, e essas são justamente as que fogem dos padrões impostos e por isso são menosprezadas e excluídas das relações humanas.

2 Navegando pelas águas da modernidade e da pós-modernidade

Habermas, em sua obra *O discurso filosófico da modernidade* (2010), explica de forma acessível como surgiu o termo “modernidade” e o desenvolvimento da sua forma posterior, leia-se “pós modernidade”. Neste sentido, em um primeiro momento, é fundamental elencar os pontos trazidos pelo autor, navegando entre eles, com a finalidade de enriquecer o trabalho e melhor compreender os temas aqui abordados.

Desse modo, Habermas (2010), entende que a expressão modernidade fora utilizada pioneiramente por Hegel, sendo este o primeiro filósofo a empregar tal expressão tanto na Filosofia como também em relação a contextos históricos. Isto posto, ainda segundo o autor, Hegel empregava o conceito de modernidade para referir-se aos “novos tempos” ou “tempos modernos”, relacionando-o com os três acontecimentos históricos da época, a saber: a descoberta do “Novo Mundo”, a Reforma e o Renascimento.

É necessário destacar que a modernidade não se utiliza de princípios ou referências de épocas anteriores, essa busca uma originalidade nunca antes vista, sem precedentes. Contudo, para isso, precisa criar seus próprios modelos, para justamente validar todos os preceitos que traz consigo, a exemplo do progresso, do desenvolvimento e da revolução. Habermas explica

precisamente esse aspecto da modernidade quando traz: “A modernidade vê-se referida a si mesma, sem a possibilidade de apelar para subterfúgios” (HABERMAS, 2010, p.12).

Isto posto, percebe-se todos os esforços utilizados pela modernidade para se auto afirmar como uma era ou momento de progresso, do novo, que nada tem a ver ou se relaciona com o aspecto cronológico. A percepção de Habermas (2010), corrobora com o presente entendimento, uma vez que o mesmo ensina que a modernidade, e suas tentativas de autoafirmação, perduram até os dias atuais. Logo, pode-se comparar a modernidade a um navio prestes a afundar, sendo um verdadeiro *Titanic* e o *iceberg* é ela mesma, posto que colide com seus próprios fundamentos. Por isso, alguns autores entendem que houve um parricídio da modernidade, ou seja, os seus próprios criadores são os responsáveis pela sua origem e seu padecimento.

De acordo com Rebouças (2012), a modernidade faz do homem o seu protagonista e depende do mesmo para a composição do seu próprio saber.

Inúmeros estudos foram realizados sobre a modernidade, a exemplo de Max Weber, mas mesmo tendo Hegel como seu precursor nos séculos XVI a XVII, conforme já mencionado acima, o termo modernidade somente fora empregado em seu sentido técnico no século XIX, mais precisamente nas décadas de 50 e 60. Assim, segundo ensina Habermas (2010), nessa mesma época os cientistas sociais começaram a falar na expressão “pós-moderno” e, conseqüentemente, “pós-modernidade”.

Ainda navegando pelas águas calmas de Habermas, existem duas correntes divergentes sobre as proposições que envolvem a pós-modernidade, havendo uma dualidade de pensamentos, os quais divergem entre si. Neste sentido, conforme designação de Habermas, em uma extremidade estão os chamados neoconservadores e na outra extremidade estão os anarquistas. Os neoconservadores entendem que houve um distanciamento entre o racionalismo ocidental e a modernidade, juntamente com a sua necessidade de auto afirmação, colocando-a como ultrapassada nesse aspecto elegido, e despontando na pós-modernidade.

Já os anarquistas não partilham do mesmo entendimento, não concordam que houve uma separação da modernidade e a da razão ocidental. Todavia, concluem que deve haver, sim, uma despedida da modernidade como um todo, devendo haver a sua superação para chegar a pós-modernidade. Os anarquistas entendem que a razão ocidental na qual a

modernidade foi inspirada, possui um significado diferente daquele previstos nos discursos modernos. Aqui o conceito de razão ocidental esconde a vontade de poder, sendo a razão verdadeiramente uma subjetividade subjugadora utilizada como instrumento de dominação instrumental.

Entretanto, é preciso ressaltar que por mais distintas que sejam essas duas teorias sobre o advento da pós-modernidade, lideradas pelos neoconservadores e pelos anarquistas, ambas possuem um traço em comum, que é justamente a questão de se afastar da modernidade, livrando-se deste navio que naufraga lentamente em alto mar, deixando-o a afundar e ser consumido pelas águas. E desse mesmo oceano emerge a necessidade de um novo momento, de uma nova forma de pensar, culminando na tão aclamada pós-modernidade.

3 Terra à vista: o vislumbre de uma subjetividade plural

De acordo com Rebouças (2012), sempre contemplando as obras de Foucault, a modernidade realizou numerosas tentativas de uma ética do eu, ou seja, um meio para estilização da vida. E continuando este pensamento, Foucault ao relacionar a modernidade e o sujeito, percebe este último como um resultado das técnicas de disciplina que o impunham ordem e razão.

Como já posicionado anteriormente, tanto os conservadores como os anarquistas concordaram pela necessidade da pós-modernidade, sendo esta vislumbrada ao longe, como pela ótica de uma luneta, sendo um alívio após um período em mar aberto. A pós-modernidade se equipara a terra firme, contemplando um terreno fértil para a implantação de uma subjetividade plúrima, a qual aprecia as diversas faces dos sujeitos, aplaudindo e respeitando a diversidade e ao mesmo tempo abolindo um modelo universal a ser seguido, que era exatamente o que a modernidade proclamava.

Nos dizeres de Foucault, a subjetividade é vista “como a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” (FOUCAULT, 2004, p.236 apud REBOUÇAS, 2015, p.53). Neste sentido, a subjetividade é vista como o modo que o sujeito se mostra introspectivo, é a forma que esse escolhe em conhecer a si mesmo, em identificar-se. Foucault desdenha da modernidade e do seu sujeito universal, superior a todos, trazendo a tona em seus textos o sujeito de desejo, o louco e o criminoso.

Rebouças (2014), expõe que a subjetividade pode ser traduzida como a capacidade de ser sujeito, e quando observada sob o ponto de vista da modernidade assemelha-se a um modelo de dominação universal produzida pelo Estado, havendo aqui uma conexão da lei, moral e da razão para a constituição de um sujeito de direito absoluto, livre e que apenas se submete ao Estado.

Ao refletir sobre as obras de Foucault, mais precisamente sobre a Hermenêutica do Sujeito, Rebouças (2014) leciona que o cuidado de si, e aqui engloba também o conhecimento de si, é um dos instrumentos dos atos de subjetivação. A autora ensina que é essencial ter um domínio de si, com a finalidade de conhecer-se, não se sujeitando a um padrão universal, é preciso dar a vida uma existência marcante. O cuidado de si muitas vezes é erroneamente associado às classes mais abastadas, ou seja, que somente essas últimas possuem meios para moldar a própria existência. Entretanto, a autora mostra que, de acordo com o entendimento de Foucault, as classes menos favorecidas também podem utilizar desse instrumento de subjetivação, essas também podem cuidar de si e moldar a sua existência utilizando-se da prática de rituais ou cultos, por exemplo.

Foucault fala sobre as Tecnologias de si que conceitua como “(...) um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade” (FOUCAULT, 1997, p. 09 apud REBOUÇAS, 2012, p. 88). Dessa forma, as tecnologias de si nada mais são que os meios que o sujeito utiliza para moldar a sua existência, para conhecer a si mesmo, tornando-se um sujeito singular da sua própria maneira, resultando, conseqüentemente, em uma coletividade de sujeitos diferentes e únicos ao mesmo tempo. Rebouças (2012), remete aos gregos e aos romanos quando fala destas técnicas de si, explicando que estas práticas envolviam o cuidado com o corpo, a alma, sentimentos e relações pessoais que aqueles sempre buscavam alcançar, ou seja, se conhecer.

Dessa maneira, é preciso conhecer a si mesmo, dar a existência um significado único, olvidar os padrões e utilizar das tecnologias de si. Utilizando-se do entendimento trazido por Rebouças (2012), acerca dos exemplos de vida, entende-se que, para alcançar uma subjetividade plural, o exemplo deve ficar apenas no campo das ideias, ou seja, o exemplo nada mais é que um exemplo, e esse não pode se tornar uma regra a ser seguida por todos.

Cada sujeito é único em suas especificidades, em sua essência, e não há razões para que todos sigam o mesmo padrão de gênero, um sujeito que nasceu com órgãos sexuais

masculinos pode reconhecer-se como uma mulher e o mesmo acontece do contrário; a autora Berenice Bento se refere à questão do pensamento moderno e à relação com gênero em sua fala: “Dois gêneros e subjetividades diferentes. Essa concepção binária dos gêneros reproduz o pensamento moderno para sujeitos universais, atribuindo-lhes determinadas características que, supõe-se, sejam compartilhadas por todos.” (BENTO, 2006, p.71).

Caso não ocorra esse reconhecimento de si pelo sujeito, perdurará a modernidade, onde todos os sujeitos possuem os mesmos rostos, e aquele que se mostrar como diferente será o “outro” sendo excluído e suprimido. Sendo obrigado a andar na prancha e saltar ao mar, longe do barco da modernidade no qual todos os tripulantes possuem os mesmos rostos; o diferente é o verdadeiro “homem ao mar”, mas, dessa vez, ninguém possui interesse em o resgatar.

Tal situação permanecerá a mesma e o resgate desse afogamento só seria possível caso este “outro” se comprometesse em moldar seu rosto, tornando-se idêntico aos demais tripulantes, sendo agora mais um na multidão de faces semelhantes, conforme a modernidade aplaude. Dessa forma, a subjetividade nômade, plural, se mostra necessária para que todos, seja a tripulação, os atirados ao mar ou os em terra firme, deem um significado a sua existência, não se deixando menosprezar por serem diferentes, reconhecendo o seu real valor e refinando cada vez mais seus rostos, distintos entre si, através das tecnologias de si.

4 Desbravando uma terra desconhecida: a Transexualidade.

Depois de abordarmos os alicerces da pós-modernidade, momento em que a prioridade é o conhecimento do sujeito através das tecnologias de si, almejando a criação de uma identidade única e não a repetição de padrões impostos, é necessário trazer para o debate a questão da transexualidade e algumas breves noções sobre gênero.

Simone de Beauvoir, em sua obra “O Segundo Sexo”, datada em 1949, lançou a máxima “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, culminando em uma repercussão sobre a temática de gênero na sociedade francesa como também a nível mundial. A fala da autora contraria a concepção de que o gênero está intrinsecamente relacionado com o sexo biológico, ou seja, a definição mulher ou homem não ocorre no nascimento, mas sim durante o amadurecimento e descobrimento do seu próprio ser. Neste sentido, segundo Beauvoir, para ser mulher basta se tornar uma, se reconhecer como uma pessoa do gênero feminino, ainda

que possua órgãos genitais atribuídos ao gênero masculino.

Muitas vezes, o que é designado como masculino ou feminino, como cargos e até mesmo comportamentos, é propagado pelos aspectos culturais pertencentes à sociedade (BEAUVOIR, 1949). Dessa forma, quando um sujeito decide romper com os padrões estabelecidos e deseja ser reconhecido de acordo com o gênero com o qual se identifica, seja masculino ou feminino, este acaba caminhando pelas terras férteis da pós-modernidade, na qual a ruptura de paradigmas é sempre bem-vinda e pode contemplar as suas diversas faces.

Sobre este fenômeno em que há a identificação de si, divergindo do modelo exaustivamente imposto da paridade de gênero e sexo biológico, é comumente chamado de transexualidade (MADERA, 2011). Esta é a descoberta da legítima essência do sujeito, que corresponde ao seu eu verdadeiro, não havendo amarras que obriguem a agir, portar e vestir-se como uma pessoa do sexo masculino, apenas por apresentar um falo, por exemplo. É possível agora se reconhecer como uma mulher-trans, ou simplesmente, mulher.

Entretanto, os valores já difundidos e absorvidos a fundo no mar da modernidade ainda restam presentes na sociedade como um todo, e os sujeitos que não conseguiram saltar desse navio já naufragado, não alcançando as terras sólidas da pós-modernidade, não admitem ou toleram a existência desta subjetividade plúrima e as diversas faces dos sujeitos. Neste sentido, a transexualidade é invisibilizada em detrimento da permanência de um modelo de gênero já fadado ao naufrágio.

Embora saudemos a pós-modernidade como o marinheiro cansado saúda o porto, as águas da modernidade ainda banham as praias daquilo a que chamamos pós-modernidade. É dizer que a existência e afirmação da subjetividade transexual não se dá de forma pacífica. As ondas que se levantam do mar da modernidade tentam ainda afogar todas as formas dissonantes de subjetividade, e não é diferente quando se trata da transexualidade.

O indivíduo transexual, embora tenha existido em todas as eras, vê-se agora banhado pelo raio de sol que representa a possibilidade de sua existência enquanto sujeito. Este fecho de sol, no entanto, vê-se a todo tempo ameaçado por nuvens de intolerância. Celso Lafer (2015), ao se referir à questão da transexualidade no mundo contemporâneo, afirma que a questão “[...] se coloca como o problema da intolerância/tolerância em relação ao diverso e ao diferente [...] que almejam o reconhecimento próprio de sua dignidade” (LAFER, 2015, p.117).

A afirmação do sujeito transexual perpassa mais que pelo simples exercício de uma subjetividade distinta daquela padronizada, conforme os ideais da modernidade. Trata-se de uma luta pelo direito mesmo de ser diferente, de fincar em terra firme a bandeira de sua identidade, sem o receio que de que ventos normalizadores lancem-na pelos ares.

Boaventura de Sousa Santos (1997), referindo-se ao multiculturalismo ascendente nas sociedade pós-modernas, e dos cuidados que se deve tomar nas relações de trocas interculturais, apresenta o segundo imperativo intercultural, que é uma de suas mais famosas formulações “[...] as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza” (1997, p.122). É este “direito de ser diferente” pelo qual os transexuais se vêm em combate. Trata-se do direito de afirmarem a sua identidade de gênero, por meio de sua subjetividade dissonante da padronizada, que ainda avulta do oceano chamado modernidade. Lidar com “o novo”, em termos de fatos e valores, é um dos grandes desafios do Direito no Século XXI (LAFER, 2015, p.117).

Um reduto, uma trincheira, se apresenta neste embate. Na bandeira lastreada à entrada, lê-se: “Queer”. “Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é também o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’” (LOURO, 2017).

5 Ponto de chegada: as considerações finais sobre a jornada

Diante do exposto, após percorrer o roteiro, navegando, descrevendo e conhecendo a modernidade, vislumbra-se a pós-modernidade e, nela é possível a descoberta de uma subjetividade plúrima, a qual permite o encontro do sujeito em si mesmo. E assim, chegamos ao destino final, e é hora de fincar os pés em terra firme, e aqui, se encerra a viagem.

É necessário ressaltar que as imperfeições da modernidade, a exemplo da sua necessidade de se auto afirmar como uma nova era ou um momento inédito, se transformaram em aprendizados, os quais foram colhidos e possibilitaram a criação do projeto de pós-modernidade. Como já debatido anteriormente, na modernidade havia uma preocupação em fazer do sujeito um indivíduo racional, um ser supremo, padronizado, no qual todos pudessem refletir a sua imagem e semelhança; e os gêneros deveriam ser pensados somente em

masculino e feminino, não havendo a possibilidade de pensar além, pensar na transexualidade.

Conforme visto, na pós-modernidade esse sujeito único a ser copiado perde o seu significado e seu valor. Não existem mais razões para fazer o processo de subjetividade uma máquina de fotocópias. O sujeito na pós-modernidade é singular, e essa singularidade multiplica-se em infinitos sujeitos, desaguando em sujeitos plurais, diversos, que não veem mais um só reflexo nesse oceano de subjetividade. Relacionando a pós-modernidade com as questões que envolvem a subjetividade, a palavra que a define resume-se a pluralidade. Pluralidade de sujeitos, de gêneros e identificações em si; o sujeito transexual é aquele que concebe o seu próprio entendimento de gênero, desaprendendo dos padrões que lhe foram impostos.

O sujeito não pode mais repetir padrões, seguir à risca os exemplos que a sociedade propaga, e agora possui conhecimento disso, ele pode dar à sua vida uma existência própria, digna, como Rebouças pontuou claramente. É necessário então cuidar de si, conhecer-se, constituir e dar significado a sua existência e, para isso, precisa utilizar as chamadas tecnologias de si.

Se torna imprescindível fazer o uso das tecnologias de si, principalmente na atualidade, em um mundo que ainda dissemina padrões de gênero, e suas respectivas formas de vestir e de comportar-se. Dessa forma, para que a modernidade não perdure, e este *Titanic* possa ser deglutido de vez pelas águas do oceano, é necessário realizar a colheita de subjetividades nômades do solo fértil da pós-modernidade. É essencial dar à vida um significado, conhecendo a si mesmo primeiramente.

Referências:

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida, volume 2. 1949. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

LAFER, Celso. **Direitos Humanos**: um percurso no Direito no século XXI. São Paulo: Atlas,

2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Autêntica, 2017.

MADERA, Sheila Lee Rodriguez. **Gênero Trans**: transitando por las zonas grises. Terranova Editores, 2011.

REBOUCAS, Gabriela Maia. **O avesso do sujeito**: provocações de Foucault para pensar os direitos humanos. Opin. jurid., Medellín, v. 14, n. 28, p. 45-61, Dec. 2015 . Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-25302015000200003&lng=en&nrm=iso>. Acessado 02 mar 2018.

_____. **Tramas entre subjetividades e direito**: a constituição do sujeito em Michel Foucault e os sistemas de resolução de conflitos. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Uma concepção multicultural de direitos humanos. **Lua nova**, v. 39, p. 105-124, 1997.